

The background of the entire page is a stack of several books. The top book is open, showing its pages. In the foreground, a wooden gavel rests on a dark wooden sound block, and a dark pen lies horizontally to the right. The scene is set against a plain white background with soft shadows.

Capítulo 2

**TECNOLOGIA NA EDUCAÇÃO PÓS-PANDEMIA:
CAMINHOS PARA UMA ESCOLA MAIS INCLUSIVA
E CONECTADA**

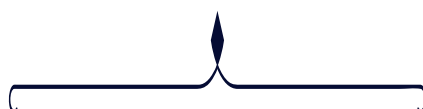
TECNOLOGIA NA EDUCAÇÃO PÓS-PANDEMIA: CAMINHOS PARA UMA ESCOLA MAIS INCLUSIVA E CONECTADA

Angela Maria Bianchini Magnus

Marilene de Souza

Resumo: O objetivo geral deste estudo é investigar de que forma a tecnologia pode ser utilizada como ferramenta pedagógica para promover uma educação mais inclusiva, significativa e conectada no contexto pós-pandêmico. Este estudo adotou uma abordagem qualitativa, de natureza exploratória, com o objetivo de compreender as percepções e experiências de professores da educação básica quanto ao uso da tecnologia no processo de ensino-aprendizagem no contexto pós-pandêmico. A principal técnica utilizada para a coleta de dados foi a entrevista semiestruturada, escolhida por possibilitar maior flexibilidade nas perguntas e, ao mesmo tempo, permitir que os participantes expressem suas opiniões de forma livre e espontânea. As entrevistas foram realizadas com dois docentes da rede pública de ensino de Santa Catarina. As conversas ocorreram entre os dias 14 e 22 de julho de 2025, em ambientes reservados, de forma presencial, com duração média de 40 minutos cada uma. Concluiu-se então que, o uso de recursos tecnológicos no ambiente escolar tem se intensificado, especialmente após a pandemia da Covid-19, revelando tanto oportunidades quanto obstáculos. A incorporação efetiva das tecnologias na prática pedagógica exige preparo, capacitação e adaptação por parte de professores, gestores e estudantes, o que representa um grande desafio no contexto educacional. No entanto, ao serem aplicadas com propósito e planejamento, as tecnologias contribuem para tornar o ensino mais interessante e a aprendizagem mais participativa. Este trabalho discute as principais dificuldades enfrentadas e, ao mesmo tempo, as contribuições que as tecnologias proporcionam ao processo educacional.

Palavras-chaves: Tecnologia na Educação, Aprendizagem Ativa, Metodologias Inovadoras, Formação



de Professores, Práticas pedagógicas inovadoras.

INTRODUÇÃO

Hoje em dia, falar sobre educação é também falar sobre o uso da tecnologia no ensino. Os recursos tecnológicos estão cada vez mais presentes na escola e, muitas vezes, são essenciais para as aulas. Já não dá para pensar no ensino e na aprendizagem sem essas ferramentas, que mudaram a forma como professores ensinam e alunos aprendem, exigindo que ambos se adaptem. Segundo Kenski (2012), a educação contemporânea é profundamente impactada pelas tecnologias digitais, que reconfiguram práticas pedagógicas, espaços de aprendizagem e relações entre alunos e professores.

Este trabalho busca ajudar professores e profissionais da educação que querem usar a tecnologia como aliada para melhorar o ensino. O tema foi escolhido porque a educação vem passando por mudanças rápidas, principalmente com o uso crescente da tecnologia nas escolas.

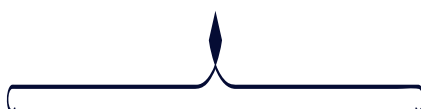
Com o avanço acelerado das tecnologias digitais, especialmente após o período pandêmico, escolas e educadores enfrentam o desafio de incorporar esses recursos de forma eficaz no processo de ensino-aprendizagem. No entanto, muitos professores ainda não se sentem preparados para utilizar essas ferramentas de maneira pedagógica e significativa. Surge, então, a seguinte questão: como a tecnologia pode ser integrada de forma efetiva, inclusiva e crítica ao cotidiano escolar, contribuindo para uma educação mais participativa e conectada com as demandas do século XXI?

A formação continuada de professores pode ampliar o uso pedagógico das tecnologias em sala de aula.

A utilização consciente e planejada de recursos digitais favorece a inclusão e o engajamento dos alunos.

A presença de infraestrutura adequada e o apoio institucional são fatores determinantes para a eficácia da tecnologia no ambiente escolar.

A participação ativa dos estudantes no uso das tecnologias contribui para o desenvolvimento



de competências socioemocionais e cognitivas.

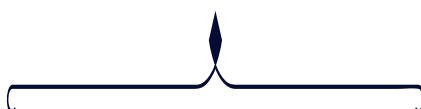
O uso da tecnologia no ambiente escolar tornou-se ainda mais evidente e necessário após a pandemia da Covid-19, que exigiu adaptações emergenciais no processo de ensino. No cenário atual, não se trata apenas de acessar dispositivos ou plataformas, mas de saber utilizá-los com intencionalidade pedagógica. Diante disso, investigar como a tecnologia pode ser uma aliada na promoção de uma educação mais inclusiva, crítica e participativa é uma necessidade urgente. Este estudo se justifica pela relevância do tema para a prática docente, pela necessidade de fortalecer a formação dos educadores e pelo compromisso com uma escola que atenda às diversidades e prepare os alunos para os desafios contemporâneos.

Deste modo, o objetivo geral deste estudo é investigar de que forma a tecnologia pode ser utilizada como ferramenta pedagógica para promover uma educação mais inclusiva, significativa e conectada no contexto pós-pandêmico. E tem como objetivos específicos: Compreender a percepção dos professores sobre o uso da tecnologia no ambiente escolar; Identificar os principais desafios enfrentados pelos educadores na integração das tecnologias ao ensino; Analisar as vantagens percebidas na utilização de recursos digitais nas práticas pedagógicas; Refletir sobre estratégias de formação docente que favoreçam o uso consciente e crítico das tecnologias em sala de aula; Sugerir caminhos para a construção de uma escola mais inclusiva e adaptada às demandas do mundo digital.

Para entender melhor essa realidade, foram feitas entrevistas para conhecer a opinião e a experiência de quem usa essas ferramentas no dia a dia da escola.

Com essas informações, o texto discute os desafios que os professores enfrentam para usar a tecnologia, mas também as vantagens que ela pode trazer para tornar as aulas mais interessantes e participativas.

Aprender é algo que acontece junto, com a participação de todos. Por isso, a tecnologia deve estar presente na sala de aula de um jeito que faça sentido para os alunos e ajude no seu crescimento como pessoa. Isso envolve não só aprender conteúdos, mas também desenvolver o pensamento crítico, o convívio com os outros e a compreensão do mundo. Porém, para que isso aconteça de verdade, os



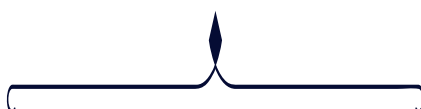
professores precisam estar preparados para usar as tecnologias de forma consciente e pedagógica, sabendo como guiar os alunos nesse caminho.

A TECNOLOGIA NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM NO PÓS-PANDEMIA

A pandemia da COVID-19 provocou transformações profundas em diversas áreas da sociedade, e a educação foi das impactadas. Com a suspensão das aulas presenciais, foi necessário recorrer ao ensino remoto como alternativa para garantir a continuidade do aprendizado. Essa mudança repentina acelerou o uso de tecnologias digitais e revelou a importância da inovação nos processos educacionais. Professores, estudantes e famílias tiveram que se adaptar rapidamente a uma nova realidade, marcada por desafios, mas também por descobertas e oportunidades. Segundo Bergamin, Paludo e Santos (2025), esse processo exigiu uma reorganização urgente das práticas pedagógicas, evidenciando desigualdades no acesso às tecnologias e ressaltando a necessidade de humanização no ensino mediado por ferramentas digitais.

Nesse contexto, as tecnologias digitais se consolidaram como parte fundamental do cotidiano educacional, refletindo uma mudança mais ampla na sociedade em rede. Como afirma Castells (2005, p. 565), “Redes constituem a nova morfologia social de nossas sociedades e a difusão da lógica de redes modifica de forma substancial a operação e os resultados dos processos produtivos e de experiência, poder e cultura.” Essa lógica de rede também se aplica à educação, onde as conexões digitais, o acesso à informação e a colaboração online passaram a moldar a forma como se ensina e se aprende.

Com o retorno das aulas presenciais, ficou evidente que a tecnologia deixou de ser apenas uma ferramenta emergencial e passou a ocupar um espaço definitivo na rotina escolar. Os avanços tecnológicos fazem parte da realidade em que vivemos e estão cada vez mais presentes no dia a dia das pessoas. Por isso, a educação precisa acompanhar essas transformações, oferecendo uma formação que dialogue com o mundo atual e prepare os estudantes para os desafios do presente e do futuro. Segundo Alves e Barbosa (2024), a utilização das TDIC’s deixou de ser reativa e se



constituiu como parte estrutural das práticas pedagógicas no novo normal educacional, especialmente em formatos híbridos; destacando-se também a necessidade de formação continuada de professores para consolidar essa integração tecnológica.

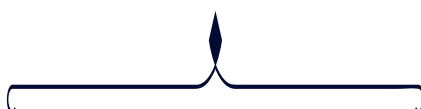
Diante do papel formador da educação, é essencial que os conteúdos escolares estejam ligados às experiências do dia a dia dos alunos. Essa relação torna o conhecimento mais aplicável à vida real, mostrando que a escola participa das transformações do mundo e não está isolada dele. Segundo Vygotsky (1998), o aprendizado ocorre a partir das interações sociais e culturais, sendo fundamental que o ensino dialogue com o contexto e a experiência vivida pelo aluno para promover um desenvolvimento efetivo.

Vivemos em uma sociedade em constante movimento, e o modelo educacional tradicional já não atende plenamente às demandas da contemporaneidade. É preciso repensar as práticas pedagógicas e incorporar metodologias que valorizem a participação ativa dos alunos, promovendo um ensino mais dinâmico, criativo e conectado à realidade. Segundo Freire (1996), a educação deve ser um ato de liberdade que promova a conscientização crítica dos educandos, estimulando sua participação ativa no processo de aprendizagem e na transformação do mundo.

Nesse processo de renovação, a tecnologia assume um papel fundamental. Seu uso deve estar alinhado aos objetivos pedagógicos e às necessidades dos estudantes, possibilitando diferentes formas de ensinar e aprender. Ferramentas digitais, recursos interativos e plataformas educacionais, quando bem utilizados, podem tornar as aulas mais envolventes e facilitar a construção do conhecimento.

Segundo Oliveira e Santos (2024), “Os avanços tecnológicos estão presentes no mundo de forma abrangente e acelerada, impactando diretamente o processo de ensino e aprendizagem em sala de aula. Cabe à comunidade escolar adequar-se a essas transformações, visando ao desenvolvimento e à melhoria da qualidade da educação no Brasil.” (OLIVEIRA; SANTOS, 2024, p. 832).

Essa perspectiva reforça a necessidade de integrar a tecnologia ao cotidiano escolar de forma crítica e planejada, valorizando o papel do professor como mediador do conhecimento e facilitador do processo educativo. A formação continuada dos docentes, aliada a políticas públicas eficazes e

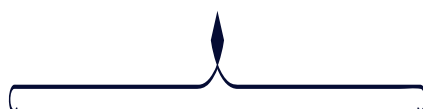


ao acesso equitativo às tecnologias, é essencial para garantir uma educação de qualidade, inclusiva e alinhada ao nosso tempo. Conforme Pimenta (2019), a mediação do professor é fundamental para que as tecnologias digitais sejam usadas como instrumentos que potencializam o aprendizado, e não apenas como recursos técnicos. Além disso, destaca-se que a formação docente permanente e o apoio institucional são condições indispensáveis para o uso pedagógico efetivo das tecnologias.

Apesar dos avanços e da importância da tecnologia na educação, ainda existem muitas dificuldades para que ela funcione efetivamente no dia a dia das escolas. Uma das principais questões é o acesso desigual aos equipamentos e à internet, que afeta alunos e professores. Isso ocorre não só em áreas rurais, mas também nas cidades, onde muitas famílias vivem em situação de vulnerabilidade, sem computador, internet estável ou espaço adequado para o estudo. Além disso, há uma parcela significativa de pessoas que não se sente preparada para utilizar ferramentas digitais, seja por falta de formação, recursos ou apoio técnico. Como destaca Macedo (2023), apesar das políticas educacionais que visam ampliar a conectividade e o uso de tecnologias, persistem grandes desigualdades digitais que dificultam a inclusão plena no ambiente escolar.

Nesse cenário, a formação continuada dos professores se torna um dos pilares mais importantes para o sucesso da integração da tecnologia na educação. Como relata o entrevistado, a capacitação foi fundamental para que ele pudesse usar recursos digitais com mais segurança e propósito pedagógico. Esse relato evidencia que o domínio das ferramentas digitais não envolve aspectos apenas técnicos, mas também emocionais e motivacionais. Muitos docentes, especialmente das gerações anteriores, ainda enfrentam dificuldades com recursos digitais, o que pode limitar seu uso pedagógico em sala de aula. Por isso, cursos, oficinas e acompanhamento prático não são apenas complementares, são essenciais. Estudos realizados com professores brasileiros mostram que iniciativas de formação contínua contextualizadas e alinhadas ao uso pedagógico das TIC contribuem para tornar o ensino mais dinâmico, estimulante e autônomo (Nascimento & Gomes, 2020).

Um professor bem preparado, que entende e domina as ferramentas tecnológicas, consegue transformar sua prática, tornando o ensino mais inovador, interessante e conectado à realidade dos

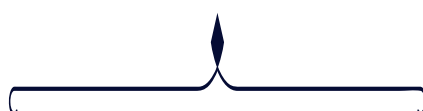


alunos. Além disso, ele passa a despertar o interesse da turma, promovendo maior engajamento e incentivando o protagonismo dos estudantes no processo de aprendizagem. Conforme aponta o Entrevistado, quando o aluno percebe que aquilo tem a ver com a vida dele, com o que ele vive fora da escola, ele se interessa mais, participa mais. Essa percepção reforça a ideia de que o uso consciente e contextualizado da tecnologia contribui para tornar o aprendizado mais relevante e próximo do cotidiano dos estudantes. Por outro lado, quando essa capacitação não acontece, corre-se o risco de a tecnologia ser subutilizada ou aplicada sem intencionalidade pedagógica, perdendo seu verdadeiro potencial educativo.

Como destacam Schneider e Santos (2025, p. 835), “A formação de professores não deve ser limitada ao início da carreira, mas sim um processo contínuo, vinculado à prática e ao contexto específico em que o docente atua. Além disso, a formação docente deve considerar as condições sociais e situacionais e assumir compromissos éticos e sociais.”

Investir na formação dos professores, portanto, é investir diretamente na qualidade da educação. É garantir que tanto educadores quanto alunos estejam prontos para lidar com os desafios e exigências do século XXI.

A inclusão de alunos com necessidades especiais ainda representa um grande desafio nas escolas, especialmente quando se trata do uso da tecnologia como ferramenta pedagógica. Schneider e Santos (2025) destacam que essa inclusão exige adaptações reais, tanto no ambiente escolar quanto nas práticas de ensino, além de uma atenção especial ao desenvolvimento socioemocional dos estudantes, sobretudo diante do crescente número de crianças com laudos psiquiátricos. Entre esses casos, é cada vez mais comum a presença de alunos com transtorno do espectro autista, que frequentemente demonstram facilidade e interesse pelo uso de recursos digitais. Essas tecnologias, quando bem integradas ao processo de ensino e aprendizagem, podem favorecer o envolvimento, a exploração e o desenvolvimento de habilidades, especialmente quando os métodos tradicionais não atendem às suas necessidades. No entanto, esse potencial só se concretiza quando o uso da tecnologia está articulado a objetivos pedagógicos claros e planejados e não utilizado apenas como passatempo



ou distração.

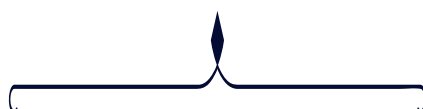
Por isso, os recursos digitais precisam ser pensados de forma acessível, com adaptações que respeitem as diferentes formas de aprender. Às vezes, isso quer dizer usar mais imagens, vídeos, sons ou criar interfaces mais simples e intuitivas. O professor também precisa estar atento para perceber essas necessidades e adaptar a sua prática de acordo com a realidade de cada aluno.

Além disso, o poder público tem um papel muito importante nesse processo. É ele quem deve garantir que todas as escolas tenham condições reais de trabalhar com tecnologia de forma inclusiva. Isso envolve oferecer equipamentos, acesso à internet, formação adequada para os professores e apoio técnico, para que todos os alunos tenham a mesma oportunidade de aprender, cada um no seu tempo e do seu jeito.

Quando bem planejado e usado com intencionalidade, o uso da tecnologia também aumenta o engajamento dos alunos, tornando as aulas mais interativas e próximas do universo deles. Mas é preciso cuidado, se não houver planejamento, as ferramentas podem acabar virando distração. Por isso, é essencial repensar as metodologias de ensino, buscando abordagens como o ensino híbrido, a sala de aula invertida e a gamificação, estratégias que aproveitam bem os recursos digitais para incentivar a participação dos alunos e o desenvolvimento de habilidades importantes, como criatividade, pensamento crítico e colaboração.

Nesse contexto, o uso efetivo da tecnologia por professores e estudantes é essencial para formar sujeitos capazes de buscar, analisar e produzir informações com responsabilidade, criatividade e autonomia, tornando-se cidadãos críticos e preparados para os desafios de uma sociedade baseada no conhecimento (UNESCO, 2009).

Por fim, a tecnologia também ajuda a promover o protagonismo dos estudantes, que passam a participar mais ativamente do seu próprio processo de aprendizagem. Quando o aluno pesquisa, cria, compartilha e se sente parte da aula, ele aprende com mais autonomia e sentido. Esse tipo de experiência contribui para formar cidadãos mais preparados para os desafios do presente e do futuro, com mais consciência, responsabilidade e capacidade de se adaptar a um mundo em constante



mudança.

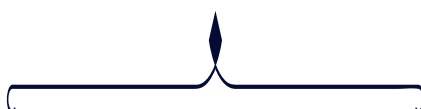
METODOLOGIA

Este estudo adotou uma abordagem qualitativa, de natureza exploratória, com o objetivo de compreender as percepções e experiências de professores da educação básica quanto ao uso da tecnologia no processo de ensino-aprendizagem no contexto pós-pandêmico. Segundo Bogdan e Biklen (1994), a pesquisa qualitativa busca interpretar os significados atribuídos pelos sujeitos às suas práticas e contextos, sendo, portanto, adequada para estudos que envolvem aspectos subjetivos da vivência docente.

A principal técnica utilizada para a coleta de dados foi a entrevista semiestruturada, escolhida por possibilitar maior flexibilidade nas perguntas e, ao mesmo tempo, permitir que os participantes expressem suas opiniões de forma livre e espontânea. Conforme Minayo (2022), esse tipo de instrumento é especialmente útil para captar as nuances da fala dos sujeitos, seus sentimentos, interpretações e sentidos atribuídos à realidade educacional.

As entrevistas foram realizadas com dois docentes da rede pública de ensino de Santa Catarina. A primeira entrevistada atua nos anos iniciais do Ensino Fundamental na Escola de Educação Municipal Governador Ildo Meneghetti, localizada na Rua Pedro Inácio dos Santos, 158, centro, Passo de Torres – SC. A segunda entrevista foi feita com um professor do Ensino Médio, vinculado à Escola de Educação Fundamental Professor Quintiliano João Pacheco, situada à Rua Jaime Grundler, centro, São João do Sul – SC. As conversas ocorreram entre os dias 14 e 22 de julho de 2025, em ambientes reservados, de forma presencial, com duração média de 40 minutos cada uma.

Durante a coleta de dados, buscou-se criar um clima acolhedor e respeitoso, no qual os docentes se sentissem à vontade para compartilhar suas experiências, desafios e reflexões acerca do uso das tecnologias em suas práticas pedagógicas. A escolha por escolas situadas em municípios distintos, ainda que próximos geograficamente, visou ampliar a compreensão do fenômeno estudado,



considerando contextos educacionais com características singulares.

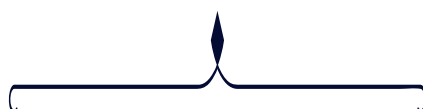
Após as entrevistas, os relatos foram transcritos e analisados com base na técnica de análise de conteúdo, conforme proposta por Bardin (2016), que permite a identificação de categorias temáticas emergentes a partir dos discursos dos participantes. A análise foi orientada por quatro eixos principais: (1) concepções sobre o ensino mediado por tecnologias; (2) formação continuada e preparo docente; (3) desafios e obstáculos no uso das tecnologias; e (4) possibilidades de inovação e inclusão a partir do uso pedagógico das ferramentas digitais.

Optou-se, ainda, por manter o anonimato dos entrevistados, atribuindo-lhes as denominações de Professora 1 e Professor 2, em respeito às diretrizes éticas de pesquisa com seres humanos, conforme orientações da Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. O estudo não envolveu menores de idade, situações de risco ou coleta de dados sensíveis, o que, segundo Oliveira e Freitas (2023), torna dispensável a submissão ao Comitê de Ética, desde que se preserve a integridade dos participantes.

A metodologia adotada permitiu não apenas identificar aspectos recorrentes nas experiências docentes com o uso das tecnologias, mas também compreender as subjetividades envolvidas nesse processo. Ao privilegiar a escuta sensível e a análise interpretativa dos discursos, buscou-se valorizar a voz do professor como sujeito ativo e reflexivo na construção de uma educação mais inclusiva, conectada e significativa no cenário pós-pandêmico.

ANÁLISE DAS ENTREVISTAS COM PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Para compreender de forma mais aprofundada os impactos da pandemia e o uso da tecnologia no processo de ensino-aprendizagem, foram realizadas entrevistas com dois professores da Educação Básica atuantes na rede pública de ensino. A análise qualitativa dos relatos permitiu evidenciar não apenas os desafios enfrentados durante o período de ensino remoto, mas também as aprendizagens construídas, as estratégias adotadas e as percepções sobre o futuro da educação tecnológica no Brasil.



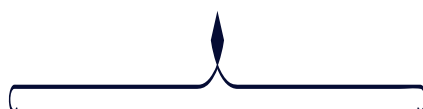
A Entrevistada 1 encontra-se na faixa etária entre 30 e 40 anos. É licenciada em Pedagogia pela Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL), campus de Araranguá, com colação de grau no ano de 2008. Possui especialização nas áreas de Educação Infantil, Anos Iniciais do Ensino Fundamental e Educação Especial. Com 20 anos de atuação na docência, atualmente trabalha nos anos iniciais do Ensino Fundamental e também como segunda professora nos anos finais do Ensino Médio.

O Entrevistado 2 também se encontra na faixa etária entre 30 e 40 anos. É licenciado em Matemática pela Universidade do Extremo Sul de Santa Catarina (UNESC), com formação concluída em 2011, possui uma segunda licenciatura em Física e Pós-Graduação lato sensu na área de Educação. Atua na área educacional há 13 anos, lecionando nos anos finais do Ensino Médio, com foco no ensino de Ciências Exatas.”

Ao serem questionados sobre como observam o processo de ensino-aprendizagem com os educandos, ambos os professores destacaram a importância de uma abordagem centrada no aluno, considerando suas individualidades e necessidades específicas.

A professora dos anos iniciais descreve sua prática como um processo “contínuo e reflexivo”, no qual busca constantemente adaptar suas estratégias pedagógicas para atender às demandas dos alunos. Ela enfatiza a criação de um ambiente de aprendizagem “colaborativo e interativo, onde os alunos se sintam confortáveis para aprender”. Sua observação pedagógica é orientada pela identificação das áreas de maior e menor desenvolvimento entre os estudantes, reconhecendo que “cada um é único e aprende de maneira diferente do outro”.

A fala da professora dos anos iniciais, que considera o ensino como um processo “contínuo e reflexivo”, está em sintonia com o que destaca Oliveira e Silva (2022), ao afirmar que a mediação pedagógica na era digital exige uma postura investigativa e adaptável por parte do docente, respeitando os diferentes ritmos e estilos de aprendizagem. A criação de um ambiente colaborativo mencionado por ela remete às abordagens centradas no aluno defendidas pelo ensino híbrido, que busca articular o presencial e o online de forma complementar. Como enfatiza Costa e Goulart (2021), o papel do



professor vai além da transmissão de conteúdo, sendo o de promover o engajamento crítico do aluno com os saberes.

Já o professor dos anos finais do Ensino Médio compreende o processo de ensino-aprendizagem como “uma construção conjunta, dinâmica e contínua”. Em sua fala, destaca a valorização da escuta ativa e do diálogo como elementos essenciais para a criação de um ambiente “acolhedor, que favoreça a participação e o desenvolvimento do pensamento crítico”. Ele ressalta ainda a importância de utilizar estratégias diversificadas, como metodologias ativas, recursos visuais e exemplos práticos, com o objetivo de tornar o aprendizado mais significativo e contextualizado.

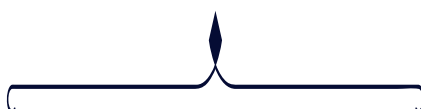
No que diz respeito à formação continuada para o uso de tecnologias na educação, os dois entrevistados relataram experiências semelhantes: ambos participaram de iniciativas ofertadas por suas redes de ensino, mas consideraram que as formações foram superficiais e pouco eficazes para a realidade prática da sala de aula.

A professora dos anos iniciais afirmou já ter participado de uma formação continuada relacionada à inserção das tecnologias, porém relatou que a abordagem foi limitada. Segundo ela, “foi algo superficial, sucinto, durante uma formação de professores, basicamente para ensinar a usar o sistema, lançar notas, postar o planejamento”.

A crítica dos dois professores à superficialidade das formações continuadas reflete uma realidade amplamente discutida na literatura atual. Para Carvalho e Morais (2023), a formação docente precisa ser contextualizada, prática e permanente, voltada não apenas para o uso técnico das ferramentas, mas para o desenvolvimento do pensamento pedagógico digital. Isso corrobora a percepção dos entrevistados de que os cursos focaram apenas em aspectos burocráticos, como o uso de sistemas de lançamento de notas, sem tratar da mediação didática com tecnologias.

De forma semelhante, o professor dos anos finais do Ensino Médio também apontou a fragilidade das formações ofertadas: “O Estado ofertou algumas formações que realizei, porém muito superficial. Não realizei nenhuma outra”.

Essas falas reforçam a necessidade de investimentos mais consistentes e contínuos



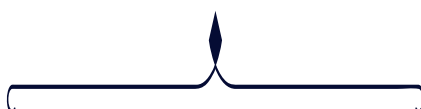
na formação de professores, especialmente no que se refere ao uso intencional e pedagógico das tecnologias no ambiente escolar. A formação continuada não deve se limitar ao domínio técnico de plataformas, mas precisa estar conectada ao desenvolvimento de competências digitais críticas, à aplicação de metodologias inovadoras e à compreensão dos impactos sociais e educacionais do uso das tecnologias.

Sobre os riscos e benefícios do uso da tecnologia na mediação entre os alunos, a professora aponta vantagens, mas também ressalta os perigos da distração e do cyberbullying. Essas preocupações são ecoadas por Lima e Fonseca (2021), que alertam para o uso não crítico da tecnologia, afirmando que a mediação digital, quando não acompanhada de uma intencionalidade ética e educativa, pode agravar desigualdades e prejudicar o bem-estar emocional dos estudantes. A mediação docente, portanto, continua sendo essencial, mesmo em ambientes digitais.

Outro ponto abordado nas entrevistas foi a percepção sobre o papel da tecnologia na aproximação entre os alunos. Os entrevistados expressaram visões críticas e equilibradas, reconhecendo tanto os benefícios quanto os desafios desse uso.

Para a professora dos anos iniciais, a tecnologia pode sim ser uma ferramenta que favorece a comunicação e a colaboração entre os alunos, especialmente quando utilizada com propósito. Ela afirma que “a tecnologia pode facilitar a comunicação entre os alunos, permitindo que eles compartilhem ideias mais facilmente, trabalhem juntos em projetos e atividades, mesmo que estejam em locais diferentes”. Ressalta também o acesso a recursos compartilhados, como documentos e arquivos, que podem ampliar as possibilidades de interação. No entanto, pondera que essa aproximação depende de vários fatores, pois “a tecnologia pode ser um perigo para os alunos, uma vez que causa distração e, conseqüentemente, pode afetar a qualidade da interação e do aprendizado”. Ela ainda destaca questões como a desigualdade de acesso e os riscos de segurança, mencionando que “a tecnologia pode trazer alguns riscos, como o cyberbullying e afetar a segurança e o bem-estar dos alunos”.

Já o professor dos anos finais do Ensino Médio traz uma visão mais crítica quanto à forma como a tecnologia tem sido usada nas escolas. Segundo ele, “a tecnologia, da forma como vem



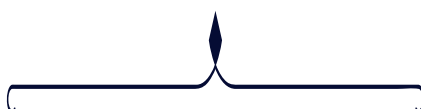
sendo utilizada atualmente, nem sempre aproxima os alunos”. Relata que muitas vezes os recursos digitais são usados de forma isolada, sem intencionalidade pedagógica ou incentivo à interação entre os colegas. Para ele, “o uso excessivo de telas e a falta de mediação adequada podem gerar dispersão, superficialidade no aprendizado e até distanciamento entre os próprios colegas”. Apesar disso, reconhece o potencial da tecnologia para promover conexão e engajamento, desde que esteja “integrada ao conteúdo e com propósito educativo claro”.

Já a visão crítica do professor dos anos finais quanto ao uso isolado das tecnologias se alinha ao que destaca Santos (2023): a tecnologia na escola não deve ser um fim em si mesma, mas uma ponte entre o conteúdo e a realidade dos alunos. O uso de plataformas e dispositivos digitais sem planejamento pedagógico pode resultar em experiências fragmentadas e pouco significativas. Portanto, a integração eficaz das ferramentas requer intencionalidade, reflexão e uma clara articulação com os objetivos de aprendizagem.

Essas reflexões revelam que, embora a tecnologia possa oferecer novas formas de colaboração e socialização, seu uso precisa ser planejado com intencionalidade pedagógica e mediado pelo professor. Quando mal aplicada ou utilizada de forma excessiva e descontextualizada, pode reforçar desigualdades, causar dispersão ou até mesmo prejudicar as interações presenciais e o bem-estar dos estudantes.

Diante das mudanças provocadas pela pandemia e do novo cenário educacional que dela emergiu, os entrevistados também refletiram sobre as oportunidades e os desafios que esse momento tem revelado para a educação brasileira. Ambos concordam que estamos diante de um período de profundas transformações, no qual antigas práticas precisam ser revistas, e novas possibilidades pedagógicas estão sendo exploradas.

A professora dos anos iniciais destaca que a educação vive um momento de grandes aprendizados e inovações. Em sua visão, surgem diversas oportunidades, como o uso mais efetivo da tecnologia como ferramenta pedagógica, capaz de tornar o ensino “mais acessível e personalizado, quando bem aplicada”. Ela também ressalta a valorização do aprendizado socioemocional, que contribui



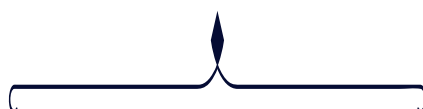
para o desenvolvimento de habilidades essenciais à vida acadêmica e profissional, promovendo “um ambiente mais seguro e estimulante”. Outro ponto mencionado é a importância da educação integral, que contempla tanto os aspectos cognitivos quanto os emocionais dos estudantes. A professora ainda reconhece a inovação educacional, por meio de metodologias e recursos que tornam o processo de ensino-aprendizagem “mais dinâmico e eficaz”.

Por outro lado, ela também alerta para desafios relevantes. Entre eles, está a desigualdade de acesso à tecnologia, que afeta muitas escolas e contribui para o aumento das desigualdades educacionais e sociais. Menciona ainda a baixa qualidade na formação dos professores, que compromete a eficácia das práticas pedagógicas, bem como os impactos da pressão social e das exigências escolares na saúde emocional dos alunos. Finaliza mencionando a resistência à informação e à inovação, ainda presente em alguns contextos escolares, o que dificulta a adaptação às novas demandas educacionais.

Quanto à percepção de que o momento atual é propício à inovação educacional, ambos os professores demonstram abertura para repensar suas práticas. Essa disposição é fundamental no contexto do pós-pandemia, conforme apontam Guimarães e Andrade (2022), que defendem a escola como um espaço de transformação social, no qual a tecnologia deve estar a serviço de uma educação crítica, inclusiva e colaborativa. A valorização das competências socioemocionais, destacada pela professora, também tem ganhado espaço nas discussões contemporâneas sobre currículo e formação integral.

O professor dos anos finais do Ensino Médio, por sua vez, vê esse momento como uma oportunidade para repensar a estrutura da educação e a própria atuação docente. Ele acredita que a escola precisa tornar-se mais flexível, humana e adaptável, destacando a importância de “valorizar o protagonismo do aluno, o uso consciente das tecnologias e a escuta ativa”. Enxerga também como um ganho a possibilidade de tornar o ensino mais conectado à realidade dos estudantes, promovendo uma aprendizagem contextualizada.

No entanto, o professor também aponta desafios consideráveis. Entre eles, destaca a dificuldade em lidar com as desigualdades de acesso, o desinteresse ou dispersão dos alunos frente ao



excesso de estímulos digitais, e a necessidade de “formar vínculos verdadeiros mesmo em contextos digitais”. Além disso, enfatiza a urgência de cuidar da saúde emocional de professores e estudantes, aspecto que se mostrou central para a permanência, o engajamento e o sucesso no processo educativo.

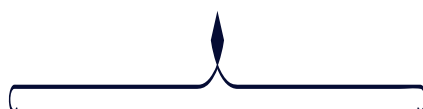
Essas análises revelam que, apesar dos obstáculos, o momento atual é fértil para ressignificar a prática pedagógica, investir em formação docente contínua, ampliar o acesso equitativo às tecnologias e fortalecer o papel humanizador da escola. A pandemia, com todos os seus desafios, também se apresenta como uma oportunidade para que a educação avance em direção a um modelo mais inclusivo, participativo e conectado com as necessidades do século XXI.

Ao refletirem sobre as maiores dificuldades enfrentadas no uso da tecnologia educacional, os professores destacaram aspectos que evidenciam os desafios da adaptação e da integração pedagógica dos recursos digitais.

A professora dos anos iniciais mencionou que o contato com o novo, especialmente no campo tecnológico, provoca um certo receio natural, retirando-a da zona de conforto. Para superar esse obstáculo inicial, ela buscou informações e participou de cursos básicos, o que facilitou a sua adaptação gradual ao ambiente digital. Essa postura proativa revela a importância da formação continuada e do suporte na transição para o uso efetivo das tecnologias na prática docente.

Um dos principais desafios enfrentados pelas escolas na implementação da tecnologia educacional é a infraestrutura deficiente. Muitas instituições, especialmente as localizadas em áreas rurais ou periféricas, ainda não contam com internet de qualidade, equipamentos adequados ou suporte técnico. Como ressaltam Oliveira e Nogueira (2023), essa limitação técnica afeta diretamente a qualidade das práticas pedagógicas e acentua desigualdades no acesso ao conhecimento. Isso implica que, mesmo com políticas públicas de inclusão digital, grande parte dos alunos permanece excluída dos avanços promovidos pelas tecnologias digitais.

Já o professor dos anos finais do Ensino Médio ressaltou que a maior dificuldade está em integrar de forma eficaz o conteúdo pedagógico às ferramentas digitais disponíveis. Segundo ele, muitas vezes os recursos e plataformas existem, mas encontrar a maneira correta de usá-los para



favorecer um aprendizado mais profundo e conectado com os objetivos educacionais exige reflexão e planejamento. Ele enfatiza que “não basta usar a tecnologia por si só, é preciso ter intencionalidade e garantir que ela esteja a serviço do conteúdo e da construção do conhecimento”.

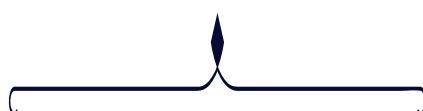
Ao refletirem sobre as características que a educação tecnológica deverá assumir no pós-pandemia, os professores enfatizam perspectivas que ressaltam a necessidade de adaptação e intencionalidade no uso das ferramentas digitais.

A professora dos anos iniciais destaca a importância de um aprendizado prático, que tenha como foco o desenvolvimento de habilidades específicas e que leve em consideração as particularidades de cada educando.

Outro obstáculo significativo é a falta de formação continuada dos docentes para o uso pedagógico das tecnologias. Santos e Almeida (2021) destacam que muitos professores até têm acesso aos equipamentos, mas não sabem como integrá-los ao currículo de maneira crítica e significativa. Em vez de facilitar o processo de ensino e aprendizagem, os recursos acabam sendo subutilizados. Essa lacuna formativa também gera insegurança e resistência à adoção de novas metodologias, dificultando a transformação digital no ambiente escolar.

Por sua vez, o professor dos anos finais do Ensino Médio aponta para a adoção de uma educação tecnológica mais intencional, equilibrada e centrada no ser humano. Segundo ele, não basta apenas utilizar ferramentas digitais; é fundamental compreender como essas tecnologias podem contribuir de forma efetiva para o processo de aprendizagem. Ele ressalta que a tecnologia deve estar integrada ao planejamento pedagógico, promovendo autonomia, personalização do ensino e o desenvolvimento de competências essenciais, como o pensamento crítico, a colaboração e a resolução de problemas. Além disso, reforça a importância da inclusão digital, da formação continuada dos professores e do uso consciente das tecnologias, para que essas ferramentas fortaleçam, e não substituam, o vínculo humano no processo educativo.

Ao serem questionados sobre a capacidade da tecnologia em transformar a educação, os entrevistados apresentam visões que se complementam e apontam para a complexidade do tema.



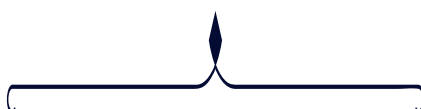
A professora dos anos iniciais acredita que a tecnologia possui um potencial transformador. Segundo ela, a tecnologia amplia o acesso a uma vasta gama de informações e recursos educacionais, possibilitando um aprendizado personalizado que se adapta às necessidades e habilidades individuais dos alunos. Além disso, destaca que o uso de recursos interativos, como jogos, vídeos e gráficos, pode tornar o ensino mais envolvente e dinâmico, e que o aprendizado pode ocorrer de forma flexível, a qualquer hora e em qualquer lugar, graças a dispositivos móveis e plataformas online. Para ela, a tecnologia ainda inspira novas abordagens pedagógicas e métodos inovadores de ensino.

Já o professor dos anos finais do Ensino Médio adota uma postura mais crítica e reflexiva. Para ele, a tecnologia isoladamente não tem o poder de transformar a educação, pois o sistema educacional brasileiro enfrenta desafios estruturais profundos, enraizados em valores sociais ultrapassados e conflitos ideológicos que afastam a escola de sua missão fundamental de formar cidadãos críticos e conscientes. Ele enfatiza que uma transformação verdadeira exige reformas sociais profundas, a integração efetiva entre escola e família, a valorização do conhecimento como instrumento de emancipação e o repensar do papel da escola como agente social

Além disso, há o fator econômico: o alto custo de aquisição e manutenção dos dispositivos e plataformas digitais representa um grande obstáculo, principalmente para escolas públicas. Souza e Carvalho (2024) enfatizam que os investimentos em tecnologia precisam ser contínuos, o que nem sempre é possível devido às limitações orçamentárias. Mesmo quando os equipamentos são adquiridos, a ausência de suporte técnico e manutenção adequada faz com que muitos recursos fiquem inutilizados com o tempo.

Esses relatos evidenciam que, apesar do grande potencial das tecnologias digitais, seu impacto na educação depende fortemente do contexto social, pedagógico e político em que estão inseridas, e que a transformação real demanda mudanças estruturais e valores renovados.

Ao serem questionados sobre as soluções tecnológicas que podem auxiliar os estudantes no processo de ensino-aprendizagem, os entrevistados destacaram diversas ferramentas e recursos que, quando bem utilizados, podem ampliar o acesso ao conhecimento e enriquecer as experiências



educacionais.

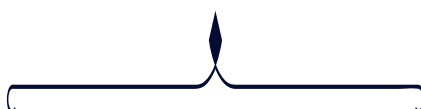
A professora ressaltou o papel de plataformas de aprendizado online, recursos educacionais digitais, bibliotecas digitais, aplicativos de estudo e ferramentas de comunicação como importantes instrumentos para facilitar o acesso a conteúdo e promover a interação entre alunos e professores.

De maneira mais detalhada, o professor destacou várias soluções tecnológicas, apontando as seguintes principais ferramentas: Como plataformas de ensino (Google Classroom, Moodle), aplicativos educativos que reforçam habilidades específicas, ambientes virtuais que permitem trilhas personalizadas, ferramentas de videoconferência para aulas síncronas, simuladores e laboratórios virtuais para ciências, além de realidade aumentada, inteligência artificial para personalização do ensino, podcasts e videoaulas. Ressaltou, porém, que essas tecnologias só são eficazes quando usadas com planejamento e intencionalidade pedagógica, potencializando o trabalho do professor.

Sobre as mudanças no planejamento das aulas devido ao ensino remoto, os professores relataram adaptações importantes. A primeira professora destacou que precisou aprender a utilizar plataformas digitais até então desconhecidas, além de reorganizar o tempo e o espaço, uma vez que a sala de aula passou a ser sua casa. Ela também precisou criar novas estratégias de ensino e avaliação para atender às necessidades dos alunos em um ambiente remoto. Já o segundo professor mencionou que passou a focar mais em conteúdos objetivos, dividiu as aulas em partes menores e incluiu atividades que pudessem ser feitas de forma autônoma pelos estudantes, além de utilizar mais recursos visuais para facilitar o aprendizado.

Sobre a sala de aula do futuro, as percepções dos professores divergem. A primeira professora acredita que, com a evolução contínua da tecnologia, a sala de aula será um ambiente de aprendizado dinâmico e personalizado, integrando tecnologias avançadas e metodologias inovadoras para aprimorar a experiência educacional. Já o segundo professor apresenta uma visão mais crítica e preocupada, ressaltando que, sem políticas educacionais eficazes, o ensino pode deixar de ser obrigatório até os 18 anos, o que poderia resultar em um aumento da evasão escolar.

Deste modo, é importante destacar a resistência institucional à mudança como uma barreira

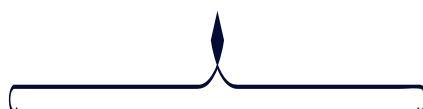


cultural. Muitos ambientes escolares ainda mantêm posturas conservadoras, dificultando a adoção de práticas pedagógicas inovadoras. Conforme apontam Mendes e Rocha (2020), sem o apoio da gestão e de políticas públicas articuladas, o professor isoladamente não consegue transformar sua prática. É essencial promover uma cultura de colaboração, onde o uso das tecnologias seja parte integrante da proposta pedagógica da escola e não um recurso eventual.

As maiores lições que a pandemia trouxe para a educação, segundo os professores entrevistados, foram o reconhecimento da importância da flexibilidade, da tecnologia, da inovação, da acessibilidade e, principalmente, da colaboração. A pandemia evidenciou que, embora possamos ser bons individualmente, juntos somos muito melhores. Além disso, destacou o quanto dependemos uns dos outros para aprender, ressaltando a necessidade do apoio mútuo e do fortalecimento dos vínculos entre professores, alunos e famílias para garantir um aprendizado efetivo, especialmente em momentos de dificuldade.

As falas dos professores entrevistados revelam não apenas os desafios vivenciados durante o período de ensino remoto, mas também as estratégias criadas, as aprendizagens construídas e as expectativas em relação ao futuro da educação mediada por tecnologia. A partir das experiências relatadas, é possível perceber que, embora o uso das tecnologias ainda enfrente obstáculos, como a falta de formação adequada, a desigualdade no acesso e a ausência de políticas públicas consistentes, há também um grande potencial de transformação quando essas ferramentas são utilizadas com intencionalidade pedagógica, sensibilidade e compromisso com a inclusão. As entrevistas reforçam que a educação do futuro precisa ser mais humana, colaborativa e adaptada à realidade dos alunos, com o professor assumindo um papel central como mediador do conhecimento e promotor de um aprendizado mais relevante e conectado com as necessidades reais dos estudantes.

Quanto à percepção de que o momento atual é propício à inovação educacional, ambos os professores demonstram abertura para repensar suas práticas. Essa disposição é fundamental no contexto do pós-pandemia, conforme apontam Guimarães e Andrade (2022), que defendem a escola como um espaço de transformação social, no qual a tecnologia deve estar a serviço de uma educação



crítica, inclusiva e colaborativa. A valorização das competências socioemocionais, destacada pela professora, também tem ganhado espaço nas discussões contemporâneas sobre currículo e formação integral.

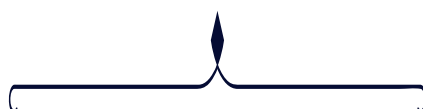
A crítica do professor ao desinteresse dos alunos frente ao excesso de estímulos digitais reforça os achados de Ramos e Ferreira (2021), que identificaram a “fadiga digital” como um fenômeno emergente no ensino remoto. Segundo os autores, o uso excessivo de telas sem pausas adequadas e sem estratégias de envolvimento ativo compromete a atenção, a retenção de conteúdo e o vínculo com a escola. Isso reforça a importância de práticas pedagógicas equilibradas, que combinem momentos digitais e analógicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A incorporação da tecnologia na educação, especialmente após a pandemia da Covid-19, trouxe uma nova perspectiva para o processo de ensino-aprendizagem. O período de ensino remoto expôs desigualdades estruturais, como a falta de acesso à internet e a carência de formação adequada para o uso das ferramentas digitais, mas também revelou o potencial transformador da tecnologia quando aplicada com planejamento, intencionalidade e foco pedagógico.

As entrevistas realizadas com professores da educação básica evidenciam que, embora a tecnologia por si só não seja suficiente para resolver todos os problemas educacionais, ela pode ser uma grande aliada na construção de um ensino mais dinâmico, personalizado e alinhado às necessidades dos alunos. Para isso, é necessário que haja investimento em formação continuada dos docentes, políticas públicas eficazes e infraestrutura adequada nas escolas, garantindo que todos os alunos tenham acesso igualitário aos recursos.

Além disso, o uso das tecnologias deve estar alinhado a uma proposta pedagógica que valorize a participação dos estudantes, o desenvolvimento de habilidades socioemocionais e o protagonismo juvenil. A escola do futuro precisa ser um espaço de inclusão, inovação e acolhimento,



onde o conhecimento dialogue com a realidade dos alunos e contribua para a formação de cidadãos críticos e conscientes.

Portanto, mais do que adotar novas ferramentas, é preciso repensar a prática docente e o papel da escola em uma sociedade cada vez mais digital e em constante transformação. O desafio que se impõe é o de utilizar a tecnologia não como um fim, mas como um meio para promover uma educação mais justa, acessível e alinhada às necessidades de todos os estudantes.

REFERENCIAS

ALVES, G. G.; BARBOSA, M. A. P. O “Novo Normal” na Educação Pós Pandemia: a utilização das tecnologias digitais da comunicação e informação. *EaD & Tecnologias Digitais na Educação*, v. 12, n. 17, 2024. DOI: 10.30612/eadtde.v12i17.19540.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2016.

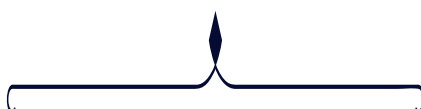
BERGAMIN, G. B.; PALUDO, E.; SANTOS, M. P. M. dos. Educação em transformação: reflexões sobre tecnologia, ensino remoto e humanização no pós-pandemia. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação – REASE*, São Paulo, v. 11, n. 7, p. 740–750, jul. 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.51891/rease.v11i7.20244>. Acesso em: 20 jul. 2025.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora, 1994.

CARVALHO, D. A.; MORAIS, F. L. Formação docente continuada e uso de tecnologias digitais na escola pública: desafios e possibilidades. *Revista da Universidade Estadual de Ponta Grossa*, v. 28, n. 1, 2023. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/ruead/article/view/20388>. Acesso em: 31 jul. 2025.

CASTELLS, M. *A era da informação: economia, sociedade e cultura*. V. 1: *A sociedade em rede*. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

COSTA, M. C.; GOULART, I. D. R. *Tecnologias digitais e o protagonismo docente: uma perspectiva*



para além do uso instrumental. Revista NuPE, v. 13, n. 1, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/nep/article/view/12614>. Acesso em: 31 jul. 2025.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 40. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GUIMARÃES, E. S.; ANDRADE, R. T. Educação, tecnologias e pós-pandemia: desafios e perspectivas. Revista Psicoeduca, v. 9, n. 2, 2022. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/psicoeduca/article/view/60401>. Acesso em: 31 jul. 2025.

KENSKI, V. M. *Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação*. 7. ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

LIMA, R. R.; FONSECA, D. A. Mediação pedagógica e tecnologias digitais: reflexões sobre desafios e riscos. Revista Brasileira de Ensino de Ciência e Tecnologia, v. 14, n. 3, 2021. Disponível em: <https://revistas.utfpr.edu.br/rbect/article/view/15097>. Acesso em: 31 jul. 2025.

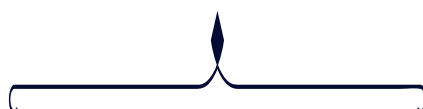
MACEDO, M. A. de. Educação e desigualdades digitais durante a pandemia da Covid-19: análise da produção científica. Revista Eletrônica Científica, 2023. Disponível em: <https://portal.amelica.org/ameli/journal/818/8184130012/html/>. Acesso em: 20 jul. 2025.

MENDES, A. C.; ROCHA, V. F. O docente e sua dificuldade em inserir as novas tecnologias no currículo. Revista Tópicos Educacionais, 2020. Disponível em: <https://revistatopicos.com.br/artigos/o-docente-e-sua-dificuldade-em-inserir-as-novas-tecnologias-no-curriculo-desafios-do-uso-das-tecnologias>

MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2022.

NASCIMENTO, M. C. do; GOMES, G. R. R. Formação continuada docente para a utilização das TIC no processo de ensino e aprendizagem. Research, Society and Development, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, e33921998, 2020. DOI: 10.33448/rsd.v9i2.1998. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/1998>. Acesso em: 20 jul. 2025.

OLIVEIRA, R. T.; FREITAS, A. M. D. R. Aspectos éticos da pesquisa educacional em contextos escolares: desafios e possibilidades. Revista Brasileira de Educação, v. 28, 2023. Disponível em:



<https://www.scielo.br/j/rbedu>. Acesso em: 31 jul. 2025.

OLIVEIRA, C. A.; SILVA, J. F. Mediação pedagógica e aprendizagem significativa com tecnologias digitais. *Educar em Revista*, v. 38, 2022. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/90717>. Acesso em: 31 jul. 2025.

OLIVEIRA, F. S.; NOGUEIRA, L. M. Tecnologias na gestão escolar: inovações e desafios no contexto educacional contemporâneo. *Revista Di Fato*, 2023. Disponível em: <https://revistadifatto.com.br/artigos/tecnologias-na-gestao-escolar-inovacoes-e-desafios-no-contexto-educacional-contemporaneo>

PIMENTA, S. G. Mediação pedagógica e o uso das tecnologias digitais na educação. São Paulo: Cortez, 2019.

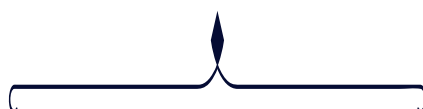
RAMOS, A. R.; FERREIRA, G. M. Fadiga digital no ensino remoto emergencial: um fenômeno ignorado? *Revista Educação*, v. 46, n. 1, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/66062>. Acesso em: 31 jul. 2025.

SANTOS, L. H. O papel da tecnologia digital no currículo escolar: entre o instrumental e o emancipador. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, v. 18, n. esp. 1, 2023. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/17734>. Acesso em: 31 jul. 2025.

SANTOS, M. F.; ALMEIDA, J. R. O uso da tecnologia na educação: dificuldades e desafios para professores nos tempos atuais. ResearchGate, 2021. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/376779098_O_USO_DA_TECNOLOGIA_NA_EDUCACAO_DIFICULDADES_E_DESAFIOS_PARA_PROFESSORES_NOS_TEMPOS_ATUAIS

SCHNEIDER, V. L.; SANTOS, M. P. M. dos. “Vivências e experiências” pós-pandemia, como o uso das tecnologias podem auxiliar no processo de ensino-aprendizagem. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação – REASE*, São Paulo, v. 11, n. 3, p. 831–843, mar. 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.51891/rease.v11i3.18285>. Acesso em: 19 jul. 2025.

SILVEIRA, R. G.; MORAES, D. L. Ambiente digital na educação: entre oportunidades e desafios do século XXI. *Revista Tópicos Educacionais*, 2022. Disponível em: <https://revistatopicos.com.br/artigos/ambiente-digital-na-educacao-entre-oportunidades-e-desafios-do-seculo-xxi>



SOUZA, T. A.; CARVALHO, E. M. Desafios tecnológicos na educação pública brasileira. Impacta Blog, 2024. Disponível em: <https://www.impacta.com.br/blog/desafios-tecnologia-na-educacao-como-superar>

UNESCO. Padrões de competência em TIC para professores: diretrizes de implementação. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, 2009.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

